

A Páscoa

AINDA vem um bocadinho longe e conto passá-la já em Portugal; mas este ano Ela será marcada, inevitavelmente, pela turbulência em que vou destes dois meses em Angola.

Hoje é Dia de S. José. Faz 66 anos que começou a Obra da Rua mercê do mandato do Bispo de Coimbra que transferiu Pai Américo da devoção dos Pobres para a missão dos Pobres. Nunca ninguém foi posto na rua com tanta alegria! «Era o que eu queria ouvir!» — desabafaria ele — ele que a desejava veementemente, mas precisava dessa palavra de ordem do Bispo que lhe conferira o Sacramento da Ordem porque, padre que era, só no serviço da Igreja, nEla, por Ela, com Ela, concebia o seu serviço aos Pobres, nunca em posição de franco-atirador.

Um dia (estava decorrendo o Vaticano II), na outra costa de África, contei ao primeiro Bispo da Beira esta faceta de Pai Américo, este seu profundo sentido de Igreja, terra-mãe onde os carismas florescem e frutificam, que o levou a resistir à ideia várias vezes sugerida, até por Autoridades, de uma Instituição própria que vinculasse os seus membros. Os olhos de D. Sebastião brilharam: «Não me faltavam razões para admirar o Padre Américo; mas agora tenho mais esta». E acrescentou: «Façam vocês o mesmo; resistam; permaneçam o que são: simplesmente padres da Igreja realizando a Sua opção pelos Pobres».

Foi uma palavra definitiva a do Bispo da Beira; foi «o que também nós queríamos ouvir». E nunca mais se falou em tal nem houve mais sugestões. Os nossos Bispos aceitaram-nos «na figura jurídica de padres dioce-

sanos em missão especial, não só pela matéria que a sociedade lhes entrega e pela forma de 'povo de Deus' em Igreja 'ordinária' que lhe devem dar, mas especialmente pelo testemunho directo de Igreja que são para o nosso mundo» (confirmação de D. António Ferreira Gomes, então no exílio) — e cá andamos.

Cá andamos... — Deus sabe! — na aflição de sermos tão poucos, cansados e envelhecidos; mas não angustiados porque Ele é o Senhor e vai na barca, parece-nos que adormecido mas pronto a acordar em qualquer momento, na hora de ordenar ao mar e aos ventos a acalmia que permitirá a navegação.

Decerto porque assim sentimos e vivemos é que todos os dias cresce em nós esta inter-

rogação magoada sobre o afã das vocações e as energias dispendidas na sua formação, que subtraem a Igreja em Angola do imediato e o mais global possível serviço do Povo, que é urgente libertar de tantas misérias e omissões que o oprimem — e não apenas salvar-lhe a alma.

Se não for da Igreja, de quem esperar este esforço de libertação?

Nem me parece haver paralelo entre a promoção agora proporcionada a alguns em Seminários e Noviciados e aquela formação — escolar e profissional — que era ministrada nas Escolas das Missões, abertas a todos nas respectivas áreas, e onde realmente se preparou a maioria dos que hoje detêm lugares de direcção na vida pública, fossem essas Missões da Igreja Católica ou de outras Confissões cristãs. Há diferença nos objectivos ou nas estratégias, como também na transparência das intenções que as fundamentam.

«A messe grande e os operários poucos» — sempre será uma característica do Reino

Continua na página 4



MOÇAMBIQUE

Tempo de mudanças

COM o início das aulas, em nossa Casa, há sempre um tempo de mudanças. São adaptações necessárias. Por vezes difíceis quanto ao melhor para eles e o mais necessário à grande família que já somos. Com os dois ainda na Casa do Gaiato do Tojal, para tratamento, passamos os cento e cinquenta.

A primeira mudança muito significativa foi a do chefe-maioral. O Luís Mabunda estava há dois anos, e passa dos vinte de idade. Ainda não temos um grupo que proporcione eleições. Todos os mais velhos já passaram pelo cargo. Foi escolhido o Antoninho, estudante da décima-classe e aprendiz de enfermeiro, desde que nos instalámos aqui. É ele que aguenta, à noite, a assistência aos doentes.

Ultimamente foi preciso que ficassem um enfermeiro e o analista também, tal a frequência das febres e recaídas. Este ano, só em nossa Casa, já se fizeram 520 análises. O nosso pequeno hospital não pôde conter todos os rapazes. Foi neces-

sário improvisar e aguentar os transtornos que surgiram na vida de casa. Não há outro remédio senão comprar redes impregnadas e proteger cada cama. Mas não há no mercado.

Outra mudança deu-se com a redução a 20% dos operários nas obras. Não é que não tenhamos que fazer — e muito. Mas vamos entrar no ritmo de Moçambique: — Há-de fazer-se! E Deus me dê ainda uns anos com saúde para que possa, ao menos, construir a Capela. Os rapazes estão instalados. Não aceito pensar que para rezar, tenhamos instalações adequadas. Seria pensar na comodidade física e não na libertação do espírito. Penso num lugar, que por si mesmo seja sinal e não moldura, que registre e realce a presença de Deus. Vejo um lugar onde a natureza envolvente é tão rica, matizada com a nossa Aldeia; as oficinas e mais ao fundo a agricultura sejam um motivo permanente e sempre novo de acção de graças.

Outra grande mudança, em nossa vida de casa, é o trabalho agrícola. Por

agora só as vacas leiteiras proporcionam receita para custear rações e remédios para elas, além dos 50 litros de leite que se consomem aqui. O interessante do gado leiteiro é que são duas equipas de moços, uma pela madrugada e outra à tarde, que atendem inteiramente ao serviço.

Mas não temos produzido no campo e na horta, quanto precisamos. Temos agora dois mil e cem pés de bananeiras que dentro de um ano começam a produzir para o mercado. Temos também, e depois de tanto trabalho que o nosso António Romão tem feito com o *caterpillar*, vinte e cinco hectares de regadio com o sistema de rega adequado. Fizemos um contrato com um fornecedor de semente e comprador da produção. Vamos começar, se Deus nos ajudar também nisto, a colher com o suor do rosto alguns recursos para esta Casa que quase exclusivamente vive de ajudas que vêm de Portugal — via Obra da Rua.

Padre José Maria

TRIBUNA DE COIMBRA

Venham cireneus e apareçam verónicas

FOMOS, há pouco tempo, num final de tarde, a toda a velocidade a Lisboa. Lisboa é um lugar de encantos e desencantos como todas as grandes metrópoles. Fomos lá por causa de um «SOS» e a matéria são os Pobres. Não há tempo para ver outras «belezas»... É a nossa missão: ir ao encontro dos Pobres; aos seus sítios. Os caminhos são, às vezes, apertados para lá chegar: — Venha por aqui senhor Prior... Venha ver o meu hotel... Miséria...! Assim se exprimia a avó do Leandro que logo veio conosco.

Temos tido o grande privilégio de encontrar, nestes bairros, gente cheia de heroísmo e desconhecida.

É gente que continuará a mostrar ao mundo a paixão sofredora de Cristo e a denunciar que tarda em chegar a tantos lugares e vidas os esplendores da Páscoa gloriosa.

É gente que nos ensina a descobrir Cristo hoje, vivo, nas suas vidas, mesmo sem saberem que são sinal da sua presença. Um Cristo macilento nos olhos de tantos ou roído pelo sofrimento nas entranhas de outros. Um Cristo, afinal, que nos seria desconhecido se o Evangelista S. Mateus não nos tivesse deixado a Sua identidade: «Vinde benditos de meu Pai, porque eu era pobre, marginalizado e Me acolhestes».

Gostei tanto da forma calorosa como o «Chuinga» foi acolhido lá no bairro...! O Hugo foi o meu companheiro desta viagem. Há quatro anos que não voltava a este seu bairro e, em boa hora, dali saíu. Ele, vítima de uma tragédia familiar arripante. Toda a gente o recordava com saudade, na Vila Lopes. Nestes bairros há também lindos canteiros de açucenas. O Ressuscitado também ali anda disfarçado.

Foi um sabor pascal antecipado num ambiente lisboeta onde, apesar de tantas promessas de gente bem instalada, as quedas, o calvário e a crucifixão assumem um carácter paradoxal.

Venham os cireneus e apareçam as Verónicas às encruzilhadas, que não faltam fardos para aliviar e olhos para consolar... O Senhor anda de novo escondido noutros hortos, em outros caminhos onde a Sua aparição é sempre surpreendente.

Padre João

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

NOVOS POBRES — Somos abordados por problemas, nas famílias, para os quais nem sempre conseguimos vislumbrar solução definitiva.

Aos ombros de pobre mulherzinha... simples, analfabeta, caíu pesado encargo dum familiar. Chorava por não poder cumpri-lo. Pois o mutuante, do mundo financeiro, com juros em baixa — aplica-lhes uma taxa exorbitante.

Mexemo-nos. E recordámos, então, parte de um documento recentemente publicado por João Paulo II:

«(...) Existem formas de injustiça que põem em risco a paz. Desejo aqui lembrar a falta de meios para um acesso equitativo ao crédito. Muitas vezes os Pobres são constrangidos a ficar de fora dos circuitos económicos normais ou a colocar-se nas mãos de traficantes de dinheiro sem escrúpulo, que exigem juros exorbitantes, com o resultado final de ter piorado uma situação já de si precária. Por isso, é dever de todos empenhar-se para que se lhes seja facultado o acesso ao crédito em termos equitativos e com juros favoráveis. Verdade é que já existem, em diversas partes do mundo, instituições financeiras que oferecem o micro-crédito em condições vantajosas a quem dele necessita. Há que encorajar tais iniciativas, porque é por esta estrada que se pode chegar a cortar pela raiz a vergonhosa praga da usura, fazendo com que os meios económicos necessários para um progresso decoroso das famílias e comunidades sejam acessíveis a todos.»

Doutrina Social da Igreja!



Filha do Alexandre («Pica-Pau»)

PARTILHA — Presenças do costume: Assinante 14493, do Porto, dez mil, do mês de Março. Cinquenta e cinco, da assinante 5963, «uma assinante de Paço de Arcos», relativos a Dezembro/Janeiro, com «saudações fraternas e muita amizade». Outro cheque, da assinante 57002, Senhora da Hora, «pequena migalha do mês de Março que poderão aplicá-la onde for mais necessária: numa conta de farmácia, renda atrasada, ou ajudar a resolver qualquer outro problema que apareça, pois, infelizmente, as necessidades são muitas. Não é preciso agradecer».

A vida dos Pobres, é assim!

Dois mil, do assinante 18913, do Porto, bom e velho Amigo, lamentando «maleitas próprias da idade e a falta de trabalho para compensar a reforma de miséria que recebemos». Deus o ajude!

Outro cheque, da assinante 22890, de Rio de Mouro (Cacém), para «tantos com grandes carências». Ainda do Porto, assinante 11856 com dez mil, e um coração cheio de generosidade — como todos quantos caminham na procissão.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

SETÚBAL

ORDENHA NOVA — É toda automática e controlada por um computador.

A ordenha velha também era mecânica, mas demorava muito tempo porque tinha muito trabalho manual e só se tirava leite de duas a quatro vacas de cada vez.

Com a ordenha nova a recolha é muito mais rápida. Tiramos o leite a seis vacas ao mesmo tempo. Já temos outras seis, lavadinhas e prontas para receber as tetinas. É só passá-las.

O computador é que controla a ordenha e a quantidade de ração que cada vaca deve comer, conforme o leite que dá.

J. António Vinagre

QUINTA — Estamos a acabar de semear as batatas.

Os terrenos para o milho estão a ser lavrados e gradados para a terra ficar bem fofa.

Depois, falta deitar a química.

A máquina de semente também deixa cair o adubo na terra, na mesma passagem.

Amândio R. Francisco

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

Conforme o que vem sendo realizado, depois do sucesso da nossa festa de Natal, damos continuidade aos nossos trabalhos.

ASSEMBLEIA GERAL — No próximo dia 10 de Junho, cumprindo os estatutos, pelas 10 horas, no nosso Lar, será realizada a Assembleia Geral da Associação. Depois, um almoço convívio. Daremos mais pormenores em nota que publicaremos oportunamente.

ENCONTRO ANUAL — Quero lembrar, desde já, o encontro anual, comemorativo do aniversário da nossa Casa, a 5 de Julho. Vai pensando no assunto, pois a tua comparação nestes encontros é imprescindível — sem ela a festa terá menor significado.

Fernando Pinto

TOJAL

FESTAS — Foi mais uma época de ensaios. Agora, está na altura de seguirmos para a estrada. A primeira, será a 18 de Abril, pelas 21.30 h, no salão de festas da nossa Casa; e a segunda, no dia 26, pelas 15.30 h, no salão da Igreja do Forte da Casa.

JARDINS — Este ano sofreram algumas alterações, principalmente o do parque, que os embelezaram ainda mais.

OBRAS — Começaram as obras da parte central do palácio.

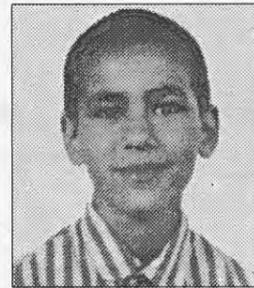
Em nossas ruas também se abriram valas para que os fios do telefone e da luz, estejam no subsolo.

CARAS NOVAS — Mais três: o Hugo, de 14 anos; o Paulo Fernando, de 7 anos; e o Luís Carlos Plácido, de 11 anos. Três irmãos que esperamos aproveitem as oportunidades para serem alguém na vida.

Arnaldo Santos

RETALHOS DE VIDA

Nuno Lai



O meu nome: Nuno Miguel dos Santos Lai. Nasci a 17 de Julho de 1986, na freguesia de S. Jorge de Arroios, em Lisboa.

Somos sete irmãos. Embora ainda tenha pais... só conheço a minha mãe!

Quando era pequeno, o meu irmão Jorge acendeu um papel no aquecedor do nosso quarto, pobrezinho. Começou a arder e eu quase morria queimado! Tive sorte. Fui salvo pela minha mãe.

Vim de Almeirim, Ribatejo. Estou agora na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, que me recebeu em 4 de Setembro de 1996, não há dois anos. Sou bem tratado. Aqui, frequento a quarta-classe na Escola Primária.

Fora das horas da Escola, tenho uma obrigação: acompanhar os mais pequeninos, os «Batatinhas», a cargo da menina Preciosa na casa-mãe da nossa Aldeia.

Quando for grande, quero ser polícia.

Nuno Lai

PAÇO DE SOUSA

LIXO — Muitas pessoas que nos visitam, pensam que o lixo que vêm nas ruas é só nosso.

Alguns, bastante, é nosso; mas, o outro, é de visitas escolares.

Peço aos visitantes que não deixem o lixo em toda a parte, mas nos caixotes que há pela nossa Aldeia.

PÁSCOA — Faltará apenas uma semana para a Páscoa. Contudo, os estudantes estarão aqui connosco para passarmos a dita em família.

Rui Manuel

DESPORTO — Todos os sábados, pelas 15 horas, como é habitual, há treino para os nossos atletas.

Os mais novos, agora, passaram, também, a treinar em conjunto com os seniores. Participam bastante. Gostam. Para eles é importante porque vão ganhando experiência com os mais velhos.

Nos fins-de-semana em que não há jogos, o treino é mais intenso. Nos outros, normalmente, mais ligeiro para estarem aptos.

No passado dia 22 de Março a equipa F. C. de S. Lourenço jogou connosco. Correu dentro do normal. Um jogo bem disputado, com alguns lances interessantes. Na verdade, os nossos não foram superiores e não estavam nos melhores dias. Apesar de tudo, eis o resultado final: 11-3 a nosso favor. De qualquer maneira, o que interessa é participar.

Em 29 de Março recebemos os amigos da Pigale, do Porto. Trouxeram duas equipas que

fizeram um encontro entre eles. Vêm conviver com a nossa malta, uma vez por ano.

Deixo um apelo às equipas que queiram jogar connosco: contactem o Jorge Alvor (Eusébio), do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, 4560 Paço de Sousa; telefone, 055-752285; fax, 753799.

Muito obrigado.

Jorge Alvor

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Temos vivido situações dramáticas! Umhas, resolvidas da melhor forma; outras, arrastam-se ao longo dos anos porque é difícil mudar o feito das pessoas, quando umas são idosas e já não há hipótese de mudarem os seus hábitos; e os mais novos têm vícios dos quais não querem abdicar.

Uma situação que agora nos tem apoucado, é uma pobre seropositiva. Quando visito esta jovem, de 23 anos, fico chocado porque também sou mãe e choca-me ver a forma como a droga e a prostituição arruinam a vida de muitas famílias. Em breve terá alta do hospital. A mãe alugou uma casinha pequena e paga uma renda de 25.000\$00/mês. Trata-se de uma família com poucos recursos, uma vez que a moça recebe uma pequena ajuda para a renda, água, luz, alimentação e

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Março, 69.000 exemplares.

medicamentos. A mãe não tem ordenado fixo. Enquanto a filha precisar, tentará dar-lhe tudo o que estiver ao seu alcance. Por isso, também conta com a nossa ajuda.

Temos que ajudar as famílias confrontadas com estas e outras situações. Temos que ser fortes. E ter muita fé para transmitirmos segurança aos que esperam pela nossa visita e amizade.

O QUE RECEBEMOS —

De um assinante, 15.000\$00; Alexandre, 100 marcos; anónima, 10.000\$00; Olímpia, 4.000\$00; assinante 17911, 25.000\$00; Amigo, de Heinsburg, 750 marcos. Assinante 9708, cheque de 8.000\$00; Dolores, cheque de 700\$00; Maria, de Famalicão, 5.000\$; Luísa, três mantas; Ofélia, vale de 5.000\$00; M. M., 10.000\$; anónimo, 2.000\$00; assinante 9217, 5.000\$00; assinante 17991, cheque de 25.000\$00; J. R. D., 2.000\$00.

Contamos convosco.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Olá!

Olá velhinha solidão
Sem escuridão!...
Encontro-te sempre sentada
Com o teu lindo
Vestido florido
Nos bancos dos jardins,
E também com os teus longos cabelos
A ondular ao vento
A caminhar nos subúrbios
da cidade desumanizada!

Olá querida solidão
Sem escuridão!...
Ajudas-me a viver melhor
Na paz que há no teu silêncio
Durante as 24 horas
De insegurança e medo!
As pessoas não conversam.
Elas gritam sem amor.
Por conseguinte prefiro a tua presença
Doce e serena!

Olá senhorinha solidão
Sem escuridão!...
Tal como uma canção suave
Que vem ao encontro da minha triste alma
Nas instâncias magoadas,
E com a ausência dos meus amigos
És tu que me limpas as lágrimas
Com o teu carinho macio e compreensivo
Enquanto resisto, sofro e choro
Tentando desatar os laços... e nós!...

Olá inseparável solidão
Sem escuridão!...
A juventude de agora
Não consegue compreender
As minhas complexidades
Nem está disponível para ver
A minha humilde simplicidade.
Quer apenas arrumar-me
Na prateleira do pó.
E esquece que ainda tenho
Lembranças para recordar!
Portanto não te troco
Por ela. Ando atento!
E... sobretudo só tu pertences
Ao meu coração transparente!...

Manuel Amândio

Surpreendente contemplação

ERA meia-noite. Saía do hospital onde acompanhei em largas seis horas o Carlos Jarreta nas consultas, nos exames e radiografias.

Há vários meses que o menino andava mal, situação que fazia nascer dentro de mim uma ânsia forte de o internar. Para isso o acompanhei, dando a conhecer aos clínicos as minhas preocupações com a doença do Carlos.

Já havia consultado o médico várias vezes e feito alguns exames e as anomalias no aspecto e na alimentação persistiam.

Após a conferência dos pediatras surgiu a decisão que me aliviou.

Meia-noite de uma quarta-feira começava a pesar-me, pois nos levantamos, à semana, às 7.15 h.

Vendo a nossa demora no hospital a senhora mandou, por um rapaz, dois pães com queijo e duas maçãs para o jantar.

Como o Carlos não podia comer, avançou-se a minha refeição.

Saía apressado da urgência, apertando as golas do casaco contra o peito, pois fazia frio. O vento gélido e seco deste mês de Março atravessava o luar tímido daquela noite, nivelando a temperatura do meu coração desfalecido.

Sou então abordado por um rapaz alto e esquelético a pedir-me ajuda para aviar a receita que exibia.

— Deixa ver.

Vi. Entretanto, o jovem relata o seu estado:

— *Sou seropositivo. Não tenho família. Vivo numa barraca. Aleijei-me no cóccix e o médico receitou-me estes medicamentos por causa das dores.*

— Vou comprar-te os remédios — disse — verificando se levava comigo dinheiro suficiente.

A coxeir, o pedinte foi informar-se quais as farmácias de serviço.

A preferida dele situava-se no Largo da Misericórdia.

Entrámos no carro e, como a fome apertava comigo, pus a mão ao saco de plástico e ofereci-lhe pão e queijo que ele aceitou com satisfação e me consolou extraordinariamente.

Jantávamos juntos, àquela hora, enquanto procurávamos a farmácia pelas ruas desertas da cidade.

Pelo Largo da Misericórdia passava um grupo de raparigas novas, de cigarro na boca e na mão, denotando o seu triste e vão trabalho.

É a noite do tempo e das almas!

A angústia voltou a invadir-me o espírito!... Tanto sofremos para melhorar o mundo, enquanto outros teimosamente e sem rédeas o afundam!... Oh, dores!...

Naquela farmácia não havia os remédios todos. Procurámos outra.

Havia-me passado a lembrança do peso do dia seguinte, arrebatado pelo gozo de acompanhar Jesus que ia comigo no pobre sofredor.

— *Eu tenho de mastigar com jeitinho, por causa dos dentes* — partilha o misterioso e real companheiro!

Tendo batido à porta de outra farmácia surge uma senhora de bata branca e boa aparência que abre o postigo, entre grades, da porta envidraçada, através do qual entreguei a receita.

Solitários, aguardámos silenciosamente enquanto persistia viver o drama que me era dado contemplar e o alargava às centenas de drogados desta cidade, observando-o discretamente no lusco-fusco da rua alumiada.

Ao pagar, a senhora reconheceu-me e disparou para o doente: — *Agora, não vás vender isto!*

A gente cala-se. Não sabemos o que dizer. — É o juízo dos homens!... O de Deus sinto que é bem diferente.

— *Está a ver, padre, o que temos de aguentar!*... Desabafa em busca de conforto.

— *Vou levar-te a casa. Onde moras?*

— *É na Barreira.*

No quintal duma casa velha, abandonada, era a sua barraca.

As escarpas de S. Nicolau oferecem um delicioso espectáculo natural, mesmo de madrugada. O rio Sado, amplo e sereno na foz, dorme aconchegado por uma neblina atravessada por luar meigo. O porto e os grandes barcos, enfeitados com luzes amarelas, evitam perturbar a quietude da paisagem. Só a minha alma é um vulcão de alvoroços angustiantes.

O rapaz vai à minha frente. Desce uns degraus carcomidos e falsos, anda uns metros e aponta o seu aposento.

Não tem cama nem colchão. Dorme em cima de quatro mantas. Não tem água nem luz.

Do lado do rio, a barraca é protegida só por meio taipal; o resto é vedado por um plástico que levanta durante o dia para apanhar sol e ar.

Fez-me tão bem esta surpreendente contemplação!...

A minha alma enche-se de Luz!... E de Força!... A vida daquele jovem! Vinte e sete anos! A droga. A sida!... O abandono do padrasto e de todos. A morte da avó e da mãe. A solidão. A luta pela vida, apesar de tudo!...

Ao chegar a Casa entrei na nossa magnífica Capela de onde me despeço, todas as noites, com completas.

Nunca tinha saboreado com tanto gosto os sentimentos do salmista:

— *Senhor, porção da minha herança e do meu cálice, está nas Vossas mãos o meu destino.*

Couberam-me em partilha terras aprazíveis: muito me agrada a minha sorte.

Bendigo o Senhor por me ter aconselhado, até de noite me inspira interiormente.

...

Dar-me-eis a conhecer os caminhos da vida, alegria plena em Vossa Presença! Delícias eternas à Vossa direita.

À porta do meu quarto esperava-me um termo com chá quente, um comprimido para dormir e meia dúzia de bolachas com compota.

Como me sinto animado perante tantas penúrias lancinantes!

Padre Acílio

Uma carta

O Deus nosso Pai vos conceda o dom da Vida. Igualmente o desejo para todos os rapazes e meninos que vossas Casas acolhem. Oxalá possam ter e ver o bom fruto dessas crianças que com tanto carinho são recebidas. O nosso Pai Américo, no Céu, alegra-se com o sacrifício do vosso trabalho e com os bons frutos que dele resulta.

Sou uma assinante d'O GAIATO que leio, admiro, e

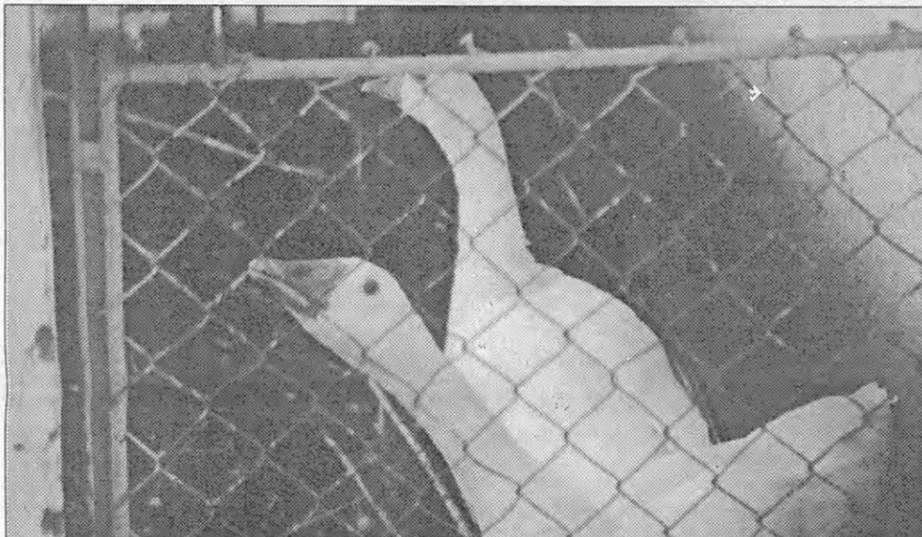
é, para mim, uma chamada de atenção. Todas as casas deviam conhecer este jornal... Mas, infelizmente, o trabalho é para muitos o principal ídolo, e, de seguida, a televisão que rouba a tanta gente o tempo que devia pertencer ao diálogo. Digo isto com experiência na minha própria família.

(...) Peço aos gaiatos uma oração pelo meu netinho que vive num ambiente tão podre, como a droga, a pros-

tituição, o álcool, etc. Para que Deus seja a luz no seu crescimento e no seu desabrochar para uma idade crítica e difícil. Assim como por todas as crianças que não lhes falta o pão nem o agasalho — mas não sabem o que é o atendimento dos pais, tanta falta de carinho! Eu também rezo pelos gaiatos para que tenham encontrado a felicidade e, assim, possam dar bons testemunhos.

Para toda a equipa que trabalha n'O GAIATO e na Obra da Rua, uma santa Quaresma para que a Páscoa da Ressurreição seja verdadeira e feliz para todos.

Assinante 31269 — Alemanha



As aves e os animais fazem parte da vida das nossas Aldeias

MIRANDA DO CORVO

AVES — Um rapaz chamado Plácido apanhou um periquito branco e azul. Temos muitos pássaros! E vamos ter um casal de canários.

MUDANÇAS — Os do forro mudarão para o rés-do-chão porque os rapazes do Lar foram para a parte nova da casa.

AGRICULTURA — Em 28 de Março o «Cachuar» e mais alguns rapazes andaram a levar estrume para a terra nova, e outros grupos a espalhá-lo.

Em 30 de Março o Tonito foi, para lá, lavar a terra e semear as primeiras batatas.

OBRAS — Estamos a reconstruir um muro destruído pelas chuvas. Está tudo a correr bem.

JARDINS — São regados com um sistema automático,

que nos dá muito jeito em todos os sentidos.

CASAS NOVAS — Os do Lar de Coimbra estrearam o bar — que já está a funcionar.

GADO — Os veterinários vacinaram as vacas. Duas semanas depois, uma delas morreu!

RETIRO — O rapazes do Lar estiveram, para Retiro, em Proença-a-Nova. Assim, preparamos a Páscoa da Ressurreição.

João da Luz e Plácido

DOCTRINA

Estender mantas de lã sobre camas pobres e frias — alegria imerecida:



VOSSA Reverência, bom Padre, quis lembrar-se dos Pobres mais do frio que eles rapam e despachou para esta cidade um fardo de mantas de lã, consignado à minha pessoa; e recomenda, por amorosas palavras, que lhe seja remetida a linhagem exterior. Outros senhores que têm oferecido coisas à Obra da Rua, fazem idênticos pedidos, reclamando as taras da mercadoria — o que nos obriga sobremaneira à economia do conteúdo, uma vez que a dos continentes é de tal sorte considerada. Triste sinal dos tempos, meu senhor! Os milhões astronómicos que os chefes das Nações pedem aos seus povos, causam esta miséria no Povo.

ESTE fardo de mantas, bom Padre, alegra-me, sim, mas não me perturba, como acontecia nos princípios da minha vida de visitador de Pobres. O meu primeiro deslize em matéria de assistência foi, até, com certa distribuição de cobertores — entrava eu pela primeira vez na célebre cidade das tocas, conhecida também por Quinta da Misericórdia e, ainda, Alminhas da Conchada. É um reduto

de miséria social instalado num cabeço da Cidade que tem facilmente resistido aos ataques dos governantes, que as balas são de papel. Visitei, naquela maré, todas as barracas do aglomerado, senti o frio que fazia em todas elas e comprei noventa cobertores com dinheiro mendigado. Daí a nada, estavam todas as peças, todinhas, nas lojas de penhor!

FOI um acto desordenado da paixão que me consumia, um mergulho de quem não sabe nadar. Mas saí do perigo, limpei os olhos, vesti roupa enxuta, arregacei as mangas, tomei direcção, ganhei equilíbrio — e nunea mais perdi o norte. As lições da experiência perduram. Têm-me passado pela mão, desde aquela data, algumas centenas de cobertores, aos quais se vieram juntar agora estes cinquenta. Pois de todas as peças tenho dado boa conta e garantido a sua colocação.

DAR sem medida, meu senhor, não é o mesmo que dar sem cautela. A verdadeira missão do visitador de Pobres consiste em amparar, consolar e dar cautelosamente. Eles vendem tudo, não tanto pela necessidade como por império do Vício. Quem se julga sem culpas, seja o primeiro a atirar-lhes a pedra; eu não!

P. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.º vol. — Campanha de 1941 a 1942)

CALVÁRIO

O dom da Ciência

GUARDADO no peito de alguém, quem o conhece, escondido e sem fazer ondas, o Calvário navegou até às águas quentes do Mediterrâneo. De tão longe, o telefone toca:

— Sim, estamos em pleno alto mar, num cruzeiro em gozo de férias.

Vai aqui um senhor de Lisboa que, depois de ouvir falar do Calvário, resolve oferecer-lhe o que desejar para essa Casa.

Não tenho outro remédio senão aceitar a oferta e propor-lhe a compra de colchões ortopédicos para as camas de todos os doentes. A minha já antiga intenção faz-se palavra que alguém escuta e acata.

De regresso a terra este senhor veio por aí acima e confirma o que lhe haviam

revelado acerca desta Casa. Sorridente, entrega a importância precisa para a aquisição dos colchões. Tudo simples. E os doentes já dormem agora mais confortáveis.

Outro amigo, do Porto, que de vez em quando arriba para ajudar aos banhos, deseja tomar mais aconchegadas as salas onde os doentes dormem. Trabalha numa empresa corticeira e dá-se bem com os donos dela.

— Olhe. Estes pavilhões seriam mais agradáveis com um piso em corticite. Aceita?

Também aqui não posso recusar. E, hoje, já todos pisamos um chão bem mais macio.

Parece que quantos nos conhecem; desejam tornar a nossa vida mais facilitada. Só faltam colchas. Alguém há-de reparar que as actuais estão puídas. É uma questão



A pequenina fonte mata a sede aos doentes

de tempo. Nunca tive presa, nem me afadigo com o supérfluo.

Quando os pobres querem ser ricos nunca têm tudo.

Mas quando os pobres desejam mesmo ser pobres, afinal nada lhes falta.

E quando os ricos querem ser ainda mais ricos,

os pobres são esquecidos.

Mas quando os ricos querem ser pobres, os pobres lucram com a «pobreza» daqueles.

Padre Baptista

Património dos Pobres

As habitações construídas pelos Pobres são autênticos monumentos

AS nossas ajudas com o sacrifício dos ajudados operam maravilhas.

Mais um telefonema daquela mulher. É esposa e mãe. Vive lá muito ao norte. Quer partilhar connosco a sua alegria: — Venham ver a minha casinha que está a ficar pronta. Venham ao fim do dia para nos encontrarem todos em casa.

Já lá vão alguns anos. Aquela mulher vivia desanimada da vida. O marido estava em tratamento e os quatro filhos eram todos pequeninos. Viviam, por favor, nas ruínas dum casebre. Os donos queriam o terreno livre.

Procurámos animá-la e prometemos a nossa ajuda. Começou a reagir. Construir uma casinha que fosse deles. Pediu a ajuda da Junta de Freguesia que lhes deu um

terreno abandonado que já foi pedreira. A Paróquia animou-a também. A Câmara dispensou licenças e pôs à sua disposição persianas que tinha em depósito. Pessoas amigas quiseram ajudar. Um vizinho deixou gastar água do seu poço. Outro, ligou fios eléctricos aos de sua casa. A construção começou e hoje a casa está habitável.

O marido, trabalhador de minas, tuberculizou e não pode trabalhar. Ela, durante o dia, faz companhia a uma senhora idosa. A filha está internada numa comunidade de meninas. Os filhos frequentam a escola e são bons alunos. Procuram não ficar vencidos.

Demos a alegria da nossa visita. À habitação, por dentro, pouca falta. Os pedacinhos de terreno à volta, rodeados de pedras, estão cultivados com flores e muitos mimos de horta caseira: — Já cá estamos dentro. Falta acabar o chão e reboçar por fora. Alguma vez haveremos também de fazer um poço. Já nos sentimos bem.

Regressámos felizes por os ver felizes.

UM Pároco escreveu a pedir a nossa colaboração para a casa nova duma família, sendo ele empregado numa fábrica de rações, ela doente da coluna e em tratamento. Três filhos: um de nove, outro de seis e o terceiro de três anos.

No dia em que fomos visitá-los, encontrámos o mais velho na Catequese e foi ele que nos acompanhou a casa dos pais. Uma casa nova e bem começada. Tem salário baixo e tiveram de contrair um empréstimo. Faltam muitos acabamentos.

Estão aflitos. Prometemos ajuda para minorar a aflição.

RECEBEMOS carta doutro Pároco. Procurou ser a voz do seu rebanho em aflições. O chefe de família ganha apenas o salário mínimo. São quatro filhos e ainda nenhum trabalha. Começaram a construir, mas a Câmara alterou o projecto e não conseguem acabar a obra. Fomos ver. O Pároco acompanhou-nos. O penúltimo filho estava também na Catequese. Entrámos e encontrámos tudo pobre, mas muito bem arranjado e

limpo. Ouvimos preocupações. Deixámos esperança e, no dia seguinte, demos uma resposta.

NO nosso contacto com estes heróicos auto-construtores melhor compreendemos a inquietação de Pai Américo. Ajudar os ditos a construir suas habitações. Confiar e esperar nas suas capacidades. São heróis das batalhas que enfrentam.

Estamos a celebrar o tempo da Ressurreição. Olhando para a nossa sociedade encontramos muitos destes Irmãos nossos que lutam na vida como ressuscitados com Cristo. Boas Festas.

Padre Horácio



Esta habitação é um monumento — fruto do amor sacrificado.

A Páscoa

Continuação da página 1

de Deus, aqui e agora. Por muito doloroso que seja, este carácter é, sem dúvida, um sinal evangélico, que a História da Igreja confirma.

Preocupa-nos, pois, o deslumbramento da quantidade e alguma ingenuidade que transparece neste frenesim de investimento na expectativa de dividendos em futuro próximo, de que a maioria do Povo venha a beneficiar de todas estas vocações em que a Igreja tanto se ocupa e gasta no imediato.

Entretanto o Povo-povo vai esperando a sua hora. Se não for da Igreja a força redentora de onde lhe virá a redenção?... Porém, não é bastante pregar a paz e abundar em liturgias. A verdadeira paz passa por Ela, com certeza. Mas pedir-Lhe-á que Se comprometa na Santa Cruzada da Justiça Social; que por mor dela não tema nem evite riscos; que se disponha a tormentos de paixão, apertada no fosso crescente entre a ambição e a opulência de poucos e a paralisia de vontades a que a miséria reduz quase todos. Então se provarão as vocações. E depois... a Ressurreição há-de acontecer também para este Povo — que «Deus aperta, mas não afoga»! É a prece que levo comigo para esta Páscoa.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Nem riqueza que desorienta nem pobreza que chegue à fome. O preciso. O suficiente. Se verdadeiramente somos de Cristo e nos dizemos com verdade cristãos, esta doutrina é a nossa doutrina.

PAI AMÉRICO